

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Escola de Belas Artes

Artes Visuais

Habilitação em Pintura

Cesiston Filipe de Oliveira

MEU TRAJETO PELO
PINO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais.

Profa. orientadora: Christiana Quady

Prof. da disciplina: Mário Azevedo

Belo Horizonte

2015

SUMÁRIO

1 Introdução.....	05
2 Diário do Pixo.....	07
2.1 A Descoberta.....	07
2.2 Quem Sou Eu.....	08
2.3 A Coragem.....	10
2.4 O Reconhecimento.....	10
2.5 A Pixação.....	10
2.6 O Macho Alfa.....	11
2.7 O Grupo.....	11
2.8 Os Muros da Rua.....	12
2.9 A Noite nas Ruas.....	13
2.10 O Rolê.....	13
2.11 A Préza.....	14
3 Comentários.....	15
4 Um Mundo à Parte Impresso Pela Cidade.....	19
4.1 Agressores.....	24
4.2 Interação Cultural.....	27
5 Possível Conclusão.....	37
Referências Bibliográficas.....	39

1 Introdução

O presente trabalho tem por objetivo principal relatar minhas experiências pessoais e de amigos no nosso trajeto pelo pixo. O trabalho foi realizado através de entrevista e conversas com novos e velhos pixadores. O meu estudo tem embasamento em aspectos visuais urbanos de um determinado contexto social e relaciono a grafia visual usada na cidade com sua visualidade. É também um estudo sobre como um determinado grupo da sociedade se comporta, como seus costumes e valores influenciam essa manifestação artística e até mesmo se essa linguagem pode ser considerada arte.

O principal foco é no pixo, bem como nas suas marcas deixadas na cidade e o significado deste rastro social. Busco vê-los não apenas como simples rabiscos nas paredes, mas como sinais de um registro muito forte de quem por ali passou.

Falo sobre os poucos aspectos relacionados ao pixo e do pouco conhecimento do público comum, procurando trazer à tona assuntos pouco debatidos concernentes à pixação, tanto nos meios sociais comuns bem como no meio acadêmico. Assim, procurei abordar o cotidiano, a vida pessoal e particular dos pixadores, os locais onde habitam, sua relação com as ruas, com a cidade e, mais especificamente, com a periferia, seus problemas cotidianos e o que os levar a produzir essa forma de linguagem e registro visual. Prefiro não definir se o pixo é ou não arte, pois acredito que seria muito ousado da minha parte tentar definir algo como isso, nessa oportunidade ainda restrita.

A meu ver, o pixo representa muito mais do que um simples conjunto de rabiscos ou mera sujeira na cidade, e pude notar que, muitas vezes, ele é a única voz ativa de um determinado grupo social, bem rastro social bastante significativo, que carrega características muito expressivas em seus bastidores.

Realizei o trabalho através da observação do comportamento das pessoas ligadas ao pixo. Para isso, utilizei como fonte de estudos entrevistas com os próprios pixadores nos locais onde eles se reúnem, em seu próprio nicho, leituras de artigos, livros e reportagens, além de documentários que tratam do assunto. Também trato de algumas recordações e experiências pessoais e relatos de amigos.

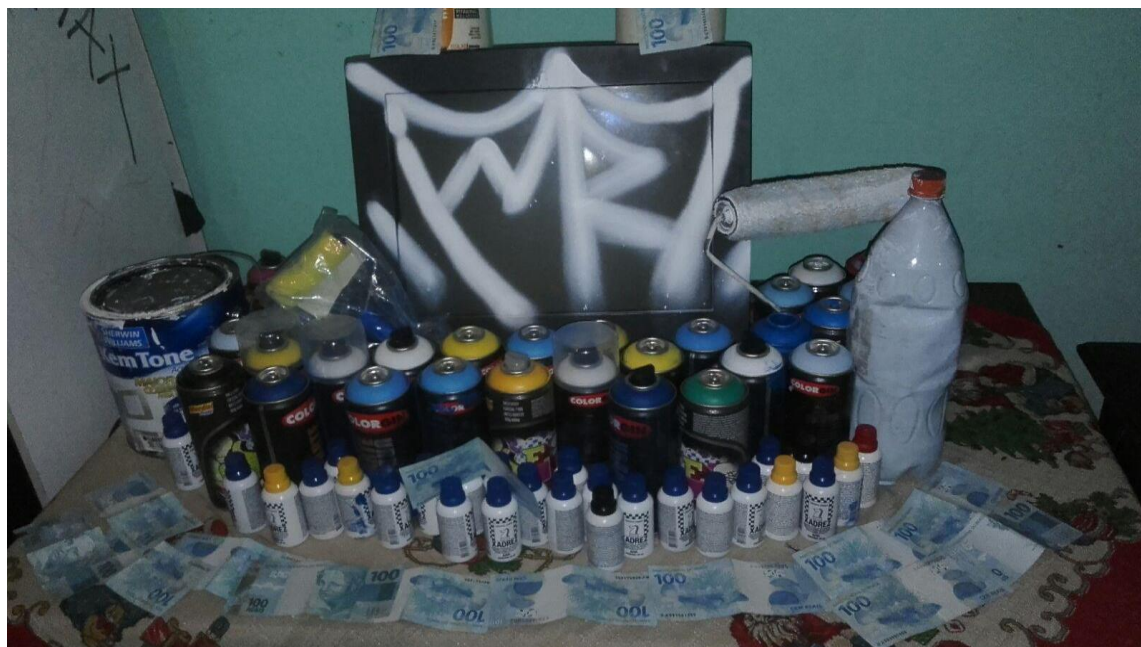
Meu interesse pelo tema surgiu a partir de debates em sala de aula através dos quais identifiquei a falta de conhecimento prático dos meus colegas de classe a respeito do assunto. Notei que o pixo era conhecido somente por leitura, através da mídia e através da própria documentação da arte; porém, muitas vezes não se conhece o contexto social e psicológico no qual ele é criado e produzido de fato. Percebi-me, então, na função de mostrar como é a realidade e como de fato o pixo funciona e, assim, pude notar que a pixação funciona também como reflexão para entender a comunicação dentro da cidade.

A partir de um debate em sala de aula notei conflitos de ideias, discutindo conceitos de arte e a linguagem urbana contemporânea, e comecei minha pesquisa sobre o tema de uma forma mais ampla. Notei que o pixo era confundido com outras intervenções semelhantes como é o caso da pixação comum, geralmente feita por jovens de periferia, que a utilizam como uma espécie de marcação de território, demonstração de coragem e ousadia. Existe também a pixação de protesto, que muitas vezes carrega frases de reflexão, feitas geralmente por jovens pertencentes a uma classe social mais favorecida. Já o *graffiti* se mostra como uma evolução do pixo, que ganhou espaço no meio das artes plásticas e reconhecimento social em virtude de sua visualidade diferenciada, praticado por aqueles mesmos jovens da periferia que antes praticavam a simples pixação.

Pensando sobre o poder social da Arte e em como a pixação influencia a vida desses jovens de periferia de quem falo, os grafiteiros grande parte das vezes tentam atrair esses outros jovens para algo que os traga exatamente para um contraponto: a pixação e a violência que a rodeia, ao invés de usar a cidade como um caderno de rascunhos, ela se torna seu ateliê ou sua tela, que, em vez de repúdio da sociedade, traga a sua admiração; assim, ao invés da violência, você se depara com o altruísmo de pessoas, aquelas que querem tentar mudar sua comunidade.

Portanto, um dos meus objetivos aqui é desenvolver uma reflexão na qual os colegas que se interessam pelo assunto tenham acesso a um relato com conhecimento mais aprofundado sobre o contexto do pixo e algumas narrativas em torno dele. Objetivei fazer um trabalho com algumas referências da minha prática, através da minha bagagem de experiências pessoais e estudos como antigo pixador e, hoje, estudante de artes plásticas e educador.

Figura 1 – Materiais do Pixo.



Fonte: Acervo particular do grupo MB.

2 Diário do Pixo

2.1 A Descoberta

No primeiro momento me vi perdido observando as coisas quebradas, destruídas, rabiscadas carregando códigos. Até que minha curiosidade despertou a necessidade de entender, a vontade de contribuir para destruir. Por volta dos meus doze anos comecei a perder o interesse pelos desenhos coloridos e elogiados, passei a me interessar pelas coisas que me cercavam e coincidentemente essas coisas não eram bonitas nem agradáveis.

Atentando para as implicações sociais no processo de escolhas feitas por um indivíduo, convém ressaltar o que sugere Inês Barbosa Oliveira:

O processo educativo, portanto, vai muito além da escola, mas também, está dentro dela, que faz de suas escolhas por conteúdos, métodos, formas de organização pedagógica no seu constituir cotidiano. (OLIVEIRA, ALVES, & BARRETO, 2005).

As imagens a seguir exemplificam o ambiente escolar danificado e rabiscado por alunos, caracterizando assim a escola como uma das fontes de descoberta e interesse pela pixação.

Figura 2 – À esquerda, carteira escolar pixada. À direita, quadro negro escolar pixado e danificado



Fonte: Site UOL Educação

2.2 Quem Sou Eu

Um pouco mais velho nessa fase, eu estava em busca de identidade para então sobressair aos demais. Precisava ser bom em algo, precisava chamar atenção para ser reconhecido. No meio onde vivi, a coragem era característica essencial para ser reconhecido e foi então que meus interesses – ou instintos – me guiaram para o campo visual. Nesse momento, aprendi a riscar e distorcer minhas próprias letras. Criei também meu próprio apelido. Era através desse novo nome que eu alcançaria o reconhecimento. Observei nomes e siglas muito utilizados na minha região e a partir do momento que passei a entender o significado destas siglas e quem eram os verdadeiros personagens por trás daqueles nomes, descobri que minha região era dominada por uma *gang*, assim como os bairros vizinhos, cada um com seu grupo dominante, DSC (Demônios Sinistros do Céu), JK (Jovens Killer), H.S. (Homens Scanner), CCA (Comando Céu Azul), dentre outras. Cada um significando território e grupo.

Atualmente, durante meus estudos, notei que um dos grupos de maior influência em Belo Horizonte são os denominados MB (Melhores de Belô). Em

conversas com vários pixadores deste grupo (que estão em atividade desde o início dos anos 2000) seus registros estão por toda parte da cidade.

Outro grupo que teve bastante destaque e surgiu em 2005 foram os Piores de Belô, que surgiram com a intenção de confrontar os MB. Os Piores de Belô foram reconhecidos pelo público leigo por usar letras legíveis e até mesmo dar entrevistas aos jornais, tornando-se bastante reconhecidos no centro de Belo Horizonte.

Os Melhores de Belô se sobressaíram e a área de seu domínio nos muros de BH é muito maior, enquanto os Piores de Belô passaram a ser *engolidos* e começam desaparecer por volta de 2012. Os MB dominam as paredes de BH até hoje.

Figura 3 – À esquerda, membro do grupo Melhores de Belô. À esquerda, pixação no muro feita pelo grupo MB.



Fonte: Acervo particular do grupo MB.

Alguns membros costumam inserir as siglas dos grupos no corte de cabelo ou em tatuagens como forma de marcação e exaltação do grupo ao qual pertencem. As pixações nos muros são de nomes curtos e rápidos e costumam carregar também o nome do grupo.

2.3 A Coragem

Passei a dominar cada vez mais a capacidade de distorcer e criar de novas formas para as letras, como também descobri também novos métodos para exercer a prática do pixo. No início, na própria escola, riscava as mesas e paredes e, ao pixar, procurava utilizar materiais de difícil remoção. Tinha a coragem de destruir aquilo que a maioria julga como correto. No momento em que se pratica algo proibido pela primeira vez, sente-se é uma mistura de medo e euforia. A partir daí, percebendo que nada mais grave aconteceu, vem a segunda, a terceira e assim por diante.

2.4 O Reconhecimento

Agora eu já tinha um nome, a coragem e material suficiente para riscar os banheiros e mesas da escola. Sabia do meu reconhecimento por um apelido em meu espaço e meu objetivo naquele momento era ter um reconhecimento maior e expandir meu campo. Buscava, então, espaços em branco, um lugar maior e mais chamativo. Afinal, ninguém obtém respeito sem a coragem para praticar um ato transgressor como o pixo em um lugar claramente visível e onde tal prática seja deliberadamente proibida.

2.5 A Pixação

No início, riscava meu nome nas paredes da escola com o próprio material escolar (lápis, caneta hidrocor, giz, etc.). Mesmo que estes materiais não fossem de fixação permanente, a ideia era sempre deixar marcado o meu território, como uma espécie de carimbo.

A pixação surge exatamente desta coragem de riscar e do reconhecimento dos outros. Quando houve esse reconhecimento, passei a ser respeitado e querido de acordo com o meu nível de coragem e ousadia, sem me importar com a rejeição da outra parcela da sociedade, tudo o que importava era o reconhecimento em meu meio e seria através do pixo que eu alcançaria isto.

2.6 O Macho Alfa

Quando se tem um nome, deve-se zelar por ele, afinal eu não teria respeito por ninguém se meu nome fosse *atropelado* (*Atropelar* é o mesmo que riscar por cima na linguagem dos pixadores), ou se ele fosse facilmente apagado e esquecido. Desta forma, precisava manter o respeito, tornando meu trabalho cada vez mais ousado e reconhecido pelo grupo do qual eu queria fazer parte. Para tanto, precisava ter coragem para me envolver em qualquer tipo de conflito e ser agressivo, caso alguém passasse por cima de mim ou do meu pixo.

2.7 O Grupo

Eu já tinha coragem o suficiente para riscar paredes dentro da escola e agora buscava algo maior. Buscava por espaços mais desafiadores; e o que determina um espaço desafiador é a sua localização e sua vigilância. O medo diminuía diante da adrenalina e empolgação e, naquele momento, eu não estava mais sozinho. Havia cobertura e o apoio de outros pixadores que me acompanhavam em um clima de descontração. Daquele momento em diante o meu nome já não seria mais escrito sozinho. Cada membro do grupo teria sua chance de riscar e dividíamos as funções: enquanto um escrevia o outro dava cobertura, um outro dava o material para o pixo e assim as coisas caminhavam. Escrevíamos também os nomes de outros parceiros do grupo do qual fazíamos parte, a região de onde morávamos, torcidas organizadas de times de futebol, etc.

Figura 4 – Evento “Réu do Pixo”, no viaduto Santa Tereza, em BH.



Fonte: acervo particular do grupo MB.

2.8 Os Muros da Rua

Aos 16 anos eu já era integrante de um grupo e não estava mais sozinho como nos primeiros rabiscos nas carteiras. Agora fazíamos parte de algo maior, mais agressivo e transgressor. O incentivo vinha dos membros mais velhos do grupo, que nos davam as piores tarefas como: observar o movimento enquanto eles pintavam, arrumar o material para eles e em algumas vezes éramos influenciados a participar de alguma confusão em que eles se envolviam.

Aos poucos, fomos criando coragem para fazermos as mesmas coisas que os mais experientes: riscamos o primeiro muro fora da escola e em seguida fomos expandindo pelas ruas adjacentes, comércio da região, etc.

Lá fora, o reconhecimento era diferente e mesmo que ainda focado nos colegas da escola, agora abrangíamos um público maior, onde a ideia de transgressão também era maior, de maneira a mostrar que os muros das escolas já não nos determinavam mais uma jurisdição. A agressão agora não é mais direcionada somente à escola e suas autoridades, mas, sim, direcionada a toda a

sociedade como forma de escancarar a voz de uma juventude, para que todos possam nos ouvir e ver.

2.9 A Noite Nas Ruas

Por volta dos meus 17 anos, agora fazendo parte de um grupo estabelecido e reconhecido, podia sair à noite sem preocupações ou dar satisfações a ninguém. Nessa fase eu experimentava coisas novas como as drogas, o álcool, e a própria violência. Junto ao grupo, passeando pela cidade, geralmente pelos bairros da periferia ou por ruas do centro, observávamos telhados, paredes e marquises que serviam de potencial para nos proporcionar um trabalho de maior destaque. Nesse momento tornava-se maior a busca por adrenalina, mas também surgiram dúvidas: Por que faço? Como faço? Como fazer melhor? O caminho se dividia entre o pixo e a arte; onde um começa e o outro termina? Qual dos dois escolher? Qual dos dois seguir? Víamos o pixo como uma forma de agressão, depredação e praticávamos exatamente com esse intuito. Arte para nós era uma palavra elitizada, “careta” demais para o que praticávamos. Aquilo para nós não era arte. Envolvia algo maior, mais destrutivo.

2.10 O Rolê

A pixação para nós se tornou um vício, um esporte, um lazer, uma grande fonte de adrenalina, através da qual usávamos essa energia para demarcar nosso território e região ou qualquer coisa que achássemos que, de certa maneira, nos pertencia. A princípio, escolhíamos aqueles lugares mais inóspitos, onde poucas pessoas podiam nos ver, de fácil alcance e com facilidade de fuga e aos poucos nos tornamos mais ousados e agressivos.



Fonte: Mundo Estranho

2.11 A *Préza*

Admirávamos antigos mitos do pixo, enraizados em nossa região, éramos rodeados por aqueles nomes. Nosso *rolê* a noite agora tinha um objetivo: não era simplesmente marcar qualquer lugar, mas observar lugares-alvo que trariam o tão almejado reconhecimento. Talvez um prédio alto ou um monumento histórico, algo que realmente fosse relevante para os outros e para nós mesmos. Mas a noite era somente para planejar. Pensávamos também em uma maneira de acesso ao local, afinal o lugar geralmente era bem visível, chamativo e às vezes até vigiado. Escolhíamos locais, nos encontrávamos para combinar horário, as ferramentas e materiais a serem utilizados e também para dividir as tarefas: quem vigia e quem sobe, quem ajuda a subir e quem risca.

Saindo com os garotos praticantes da pixação pude notar que atualmente tudo costuma ser combinado via internet. Eles saem, geralmente, de carro e o encontro final no momento do pixo é apenas para fazer os acertos finais. Normalmente nenhum deles leva celular ou acessórios similares, pois estes podem

ser facilmente perdidos ou utilizados como prova de crime, caso pegos pela polícia (pois comumente tem fotos de seus pixos e seus companheiros.)

3 Comentários

Durante meus trabalhos práticos (agora do ponto de vista de observador), tentando entender a razão dessa linguagem, notei que os jovens que geralmente praticam o pixo são moradores da periferia, nem sempre tem um histórico familiar conturbado, mas sofrem muito com o ócio, a falta de atividades diurnas (como esporte, lazer, cultura, educação e trabalho) e estão diretamente ligados à maneira como os jovens agem durante a noite. Nas pixações a que estive presente também observei que elas foram fruto de um longo esforço físico, de noites acordados nas ruas e de gastos com materiais, transporte e alimentação. Mas porquê esses jovens fazem isso? Aparentemente, é na intenção de serem reconhecidos, mas não cheguei a uma resposta concreta. Muitos deles tem mais de um objetivo, como agredir ou desmoralizar alguém, invadir outros territórios, fazer grandes pixos, procurar uma forma de lazer, esporte e outros.

Figura 6 – Pixações no viaduto Santa Tereza.



Fonte: Acervo particular do grupo MB

O pixo é uma linguagem usada entre seus praticantes que geralmente não tem como intenção agregar valores à cidade ou à sua cultura, mas, sim, a comunicação entre os seus, seja para reconhecimento próprio, disputa de território, ou agressão à sociedade.

O pixo, o *graffiti* e a pixação de protesto são semelhantes, mas mantêm suas diferenças. O pixo é uma forma de reconhecimento entre os próprios pixadores, grafiteiros e pessoas que apreciam a *cultura de rua*. Tem como intenção também ser uma agressão à sociedade e aqueles que lá habitam. O grafite é uma tentativa de trabalho geralmente planejado e dentro dos padrões legais, embora nem sempre se mantêm dentro da legalidade, mas é reconhecido também por sua visualidade. A pixação de protesto, apesar de carregar a ilegalidade do pixo, entra em uma categoria da qual gostaria de ser entendida, geralmente, de cunho mais intelectual e mais voltada para reflexão das pessoas que as leem.

Figura 7 – Pixação de protesto.



Fonte: Blog ricandrevasconcelos

A imagem acima retrata algumas pixações em manifestações como protesto no período da ditadura militar no Brasil.

Figura 8 – Estátua pixada.



Fonte: Blog rioacima1

Figura 9 – Exemplo de *graffiti*.



Fonte: Blog contamina-do

Segundo COSTA, no trecho a seguir, podemos ver o confronto que ele examina entre a arte de rua em geral e a essência transgressora que ela sempre traz.

Essa iniciativa contraditória confronta o graffiti artístico como uma manifestação “bonitinha e decorativa” à pichação que “sujava a cidade”. Essa posição confusa esquece que as duas formas são essencialmente transgressoras (COSTA, 1994).

4 Um Mundo à Parte Impresso Pela Cidade

Os praticantes da pixação e do *graffiti* em Belo Horizonte são indivíduos em sua maioria do sexo masculino, que tem entre 14 a 24 anos e são residentes de bairros periféricos da Zona Norte e Zona Leste (Barreiro, Leblon, Venda nova e outros). Estudantes e ao mesmo tempo trabalhadores e usuários de rede social, nas quais comungam outras práticas como o esporte, skate, festa de rock, rap, funk e samba. Geralmente se encontram nas praças e viadutos, além dos lugares onde acontecem os eventos sociais e esportivos de sua faixa etária.

As pixações e grafites de BH muitas vezes carregam traços, formas e cores semelhantes às de São Paulo e outras cidades brasileiras. Provavelmente devido à sua interação através das redes sociais. O autor Hakim Bey em sua obra “TAZ - Zona Autônoma Temporária” exemplificou a tecnologia ligada a essa interação e informação, e sobre os espaços ocupados por grupos sociais alternativos que implantam suas próprias leis. Ele se coloca como anarquista antológico e defende a ideia de que “nada é absoluto”, conforme citado no trecho abaixo:

“Estrategicamente invulneráveis a qualquer invasão, conectados por um fluxo de informações conduzidas por agentes secretos, em guerra com todos os governos, e dedicado apenas ao saber. A tecnologia moderna, culminando no satélite espião, reduz esse tipo de autonomia a um sonho romântico. Chega de ilhas piratas! No futuro, essa mesma tecnologia livre de todo controle político, pode tornar possível um mundo inteiro de zonas autônomas (Espaços de liberdade que se chamam, zonas Autônomas temporárias)” (BEY, 1991).

No entanto, mesmo com essa conexão os pixadores de hoje produzem também coisas diferentes como pixos voltados para *pichação evoluída* ou *grapixo*, entre outras. Ou seja, pixações com nomes e frases mais trabalhadas, com fundo em contraste, sombras e outros recursos utilizados no *graffiti*. Porém, existe em BH também uma pixação *solta*, sem preocupação com acabamento e estética, com a simples necessidade de comunicação com o seu grupo e a sociedade, conforme previamente comentado.

A produção do *graffiti* em BH é, em sua maioria, realizada no espaço territorial dos indivíduos por ser mais seguro do ponto de vista punitivo e repreensivo e, ainda, devido ao receio de serem surpreendidos por policiais e comerciantes na área

central (principalmente devido à nova Lei Federal 12.408/2011, que trata da pixação e do *graffiti* como crime). Como já foi citado no trabalho, o trecho abaixo mostra novas leis relacionadas ao pixo, nas quais podemos ver que as leis direcionadas ao ato de pixar tornaram-se mais amplas devido ao grande alcance que essa atividade passou a ter.

Lei nº. 9.605/98. Seção IV: Dos Crimes contra o Ordenamento Urbano e o Patrimônio Cultural. Art. 65. Pichar, grafitar, ou por outro meio conspurcar edificação ou monumento urbano. Pena – detenção, de três meses a um ano, e multa. Parágrafo único. Se o ato for realizado em monumento ou coisa tombada em virtude de seu valor artístico, arqueológico ou histórico, a pena é de seis meses a um ano de detenção, e multa.

Decreto nº. 3.179/99. Seção IV: Das Sanções Aplicáveis às Infrações Contra o Ordenamento Urbano e o Patrimônio Cultural. Art. 52. Pichar, grafitar ou por outro meio conspurcar edificação ou monumento urbano: Multa de R\$ 1.000,00 (mil reais) a R\$ 50.000,00 (cinquenta mil reais). Parágrafo único. Se o ato for realizado em monumento ou coisa tombada, em virtude de seu valor artístico, arqueológico ou histórico, a multa é aumentada em dobro. (BRASIL, 1999).

Mesmo com todas essas leis punitivas, o pixador Dic não foi impedido de fazer um dos maiores pixos de BH em plena luz do dia.

Figura 10 – Um dos maiores pixos de BH.



Fonte: Acervo particular do grupo MB.

O grupo MB é responsável por maior parte das pixações em Belo Horizonte. A pixação da imagem anterior foi feita por Dic, um dos membros desse grupo.

O pixo geralmente não é feito para ser bonito e muito menos para agradar, mas para agredir, como se fosse uma demonstração de força, coragem e autonomia em forma visual nos muros da cidade.

Alguns grupos têm nomes muito interessantes como: “Criminosos da Comunicação”, “Caligrafia Maldita”, “Exorcism” (exorcismo na cidade). A pixação é vista por muitos como uma aversão da cidade à cidade e é vista por outros como uma guerrilha artística, uma arma poderosa e pacífica, que já está entranhada na história das grandes cidades do mundo.

Através da pixação é possível entender um pouco da relação entre centro e periferia, sobre as dificuldades de viver em uma cidade grande e de se expressar dentro dela. Nas grandes metrópoles todos são invisíveis e trabalham com um turbilhão de informações sobre o que acontece na cidade. Assim, a pixação é usada às vezes como instrumento ou arma contra a cultura tradicional.

Figura 11 – Fotos tiradas de cima do telhado no momento do pixo.



Fonte: acervo particular do grupo MB.

Outro detalhe interessante de se notar é como a cidade grande vive, respira e funciona durante a noite com suas próprias características, com sua própria linguagem dialetos e manifestações culturais tão diversas.

Geralmente cada pixador tem sua própria fonte ou caligrafia, mas existem padrões, a fim de que estas sejam entendidas. Esses padrões são inspirados no nosso próprio alfabeto, distorcendo as letras. Às vezes com intenção de não ser entendido por qualquer um e nem mesmo por outros pixadores. É simplesmente o ato de rabiscar ou intervir um espaço relativamente vazio.

Figura 12 – Fachada de prédio no centro de Belo Horizonte.



Fonte: Acervo particular do grupo MB.

Sair do anonimato, da invisibilidade e fazer sua própria história. Fazer parte de uma cultura ou de uma contracultura na qual a sociedade ou o meio onde vive o vê como agressor. Uma das maiores características da pixação é a transgressão, a quebra de regras ou de padrões, se ela deixasse de ser uma contravenção e fosse legalizada com certeza se tonaria algo *careta*. Ela não quer ser reconhecida como forma de arte e entrar para galerias e até mesmo critica no *graffiti* tal postura. Não quer ser slogan de candidatos políticos como o *graffiti* já é usado, como uma

maneira de atrair os jovens, mas uma maneira de mostrar sua rebeldia e desconforto com o meio onde vive.

A polícia, que vê os pixadores como um problema pequeno, que lhes causa certa dor de cabeça, geralmente reclama: ao invés de estarem fazendo coisas realmente importantes, estão atrás de garotos *riscando* a cidade. Os policiais agem com raiva e, ao invés de atuarem como manda a lei, agem com sua própria vontade, certas vezes agredindo e punindo o pixador à sua própria maneira. Assim como às vezes também não o pune por evitar trabalhos burocráticos e reconhecer que o pixo tornou-se uma prática recorrente na cidade grande e que não representa grande ameaça à sociedade.

Figura 13 – Pixação na avenida Antônio Carlos, em frente ao Batalhão de Polícia.



Fonte: acervo particular do grupo MB.

Alguns pixadores tem mais medo de apanhar do que de serem presos, ou seja, mais medo de outros contraventores do que da própria lei; de serem agredidos por outros grupos de pixadores de regiões, geralmente vizinhas, ou rivais, de grupos de moradores que às vezes se juntam para pegá-los, ou da própria polícia que às vezes age contra suas próprias leis.

Alguns tentam parar com a atividade do pixo, mas também agem como aquilo se fosse um vício, algo de dentro para fora, que os impulsiona a cometer o ato sem pensar.

4.1 Agressores

Os pixadores nem sempre se intimidam com as pessoas nas ruas. Ao contrário, fazem questão de intimidá-las, como forma de autoafirmação, como um contraventor ou agressor.

Sofrem com acidentes e até mesmo mortes são registradas e temidas, mas isso é algo que os próprios pixadores reconhecem como se fosse um acidente de trabalho e que estão sujeitos a isso. Mas que as vezes o incentiva a parar como se fosse um vício em uma droga e um amigo ao lado morresse de overdose. (OLIVEIRA J. W., 2013).

Em comparação com São Paulo, a pixação em BH sofre um declínio, devido às suas penas consideráveis, ao repúdio de parte da população e devido aos reeducadores sociais, que fazem do *graffiti* algo cada vez mais ser reconhecido pelos jovens como uma forma de se expressar melhor e explorar a cidade.

Figura 14 – Pixo sobre grafite, Av. Portugal, Belo Horizonte ao lado da estação Pampulha.



Fonte: Acervo particular do grupo MB

A imagem anterior mostra um grafite feito na Av. Portugal, na Zona Norte de BH. Os pixadores que o fizeram se sentiram ofendidos com o grafite feito por cima das pixações antigas e *atropelaram* (pixaram por cima) o grafite com a frase “Respeita o Pixo”.

Alguns pixos são tão ousados que são feitos a luz do dia sem qualquer medo dos transeuntes, pois neste caso nem as pessoas desconfiam que estejam presenciando uma contravenção, e isso é algo que gera muito mais orgulho em um pixador.

A imagem a seguir trata-se de uma pixação feita no bairro Justinópolis, em Ribeirão das Neves, com cerca de 10 metros de altura e que levou em torno de 3 horas para ser feita.

Figura 15 – Pixação de Dic e Liko.



Fonte: Acervo particular do grupo MB

Semelhantes aos artistas, os pixadores também vislumbram, apreciam e se orgulham do seu trabalho final. Hoje em dia as pixações podem ser observadas por registros fotográficos de celulares postados em redes sociais na internet. Às vezes, na pixação, amigos e namorados são homenageados, muitos pixadores valorizam as amizades, o respeito e as pontes que são assim criadas entre outras partes da cidade. Formando grupos para fazer festas ou jogar futebol, além de outras práticas, eles percebem que não só o pixo faz parte dos seus assuntos em comum no seu cotidiano.

Figura 16 – Caligrafia do pixo.



Fonte: Acervo particular do grupo MB.

A geometria dessa caligrafia está diretamente ligada à criatividade de seus produtores. Eles tentam conservar a cultura da transgressão e não querem a pixação dentro das galerias, tendo plena consciência de que ela deve permanecer na rua. Alguns pixadores dizem que não há razão para contar sua história dentro de uma galeria de arte.

4.2 Interação Cultural

O funk e o rap são os estilos musicais mais ligados à pixação e à periferia. A grande maioria dos pixadores se dizem insatisfeitos com o governo, geralmente reclamam de seus direitos básicos de moradia, alimentação e educação, assim como violência, racismo, violência policial e corrupção. Orgulham-se também de intervir em um espaço de tal maneira que mudam a cara do lugar, tornando aquele ambiente parte de sua cultura: afluindo sua sujeira e podridão, como se o pixo fosse uma forma de mostrar a verdadeira cara da cidade grande.

Figura 17 – Periferia da região metropolitana de BH.



Fonte: acervo particular do grupo MB.

Alguns pixadores classificam sua cultura como “ritmo das ruas”, relacionando o rap e o pixo. Fazem os seus trabalhos conscientes de que será algo passageiro destruído pelo tempo e pelas próprias mudanças da cidade; discriminam aqueles pixadores que tiram fotos e ficam apenas mostrando através da internet pois acham que esses não vivem o ritmo e a cultura das ruas. No presente trabalho, escrevo que o ambiente onde o pixo é produzido quase sempre é a periferia, mas há exceções, como cita o autor Alexandre Barbosa Pereira no trecho abaixo de “De Rolê Pela Cidade: os pichadores em São Paulo”:

O que não significa que jovens de bairros mais centrais e com situação econômica mais privilegiada também não participem da pichação; porém, nesses casos, não é incomum que escondam a classe social a que pertencem, não revelando o bairro onde moram, por exemplo. O mesmo vale para a questão de gênero, pois, ainda que em franca minoria, há mulheres na pichação. Uma delas, Caroline Pivetta, destacou-se em 2008 quando pichadores realizaram uma das ações de maior ousadia e visibilidade ao invadir a 28ª Bienal Internacional de São Paulo para pixar o pavimento que havia sido deixado vazio. A pixadora Caroline Pivetta foi, então, presa e alcançou relativa notoriedade. (PEREIRA, 2014)

O trecho da música “Negro Drama” do Grupo Racionais MCs é um dos exemplos da interação cultural do contexto social de pixadores através da música, que retrata um exemplo como um morador de periferia se sente orgulhoso por ser alguém que viveu a realidade e conviveu com a desigualdade social, violência e a dura realidade de uma favela brasileira.

Trecho da musica “Negro Drama” (Racionais MCs, 2002)

“Na época dos barraco de pau lá na pedreira
Onde ‘cês tava?
O que que ‘cês deram por mim?
O que que ‘cês fizeram por mim?
Agora tá de olho no dinheiro que eu ganho?
Agora tá de olho no carro que eu dirijo?
Demorou! Eu quero é mais
Eu quero é ter sua alma
Aí, o rap fez eu ser o que sou
Ice Blue, Edy Rock e KL Jay, e toda a família
E toda geração que faz o rap
A geração que revolucionou
A geração que vai revolucionar
Anos 90, século 21
É desse jeito
Aí, você saí do gueto,
Mas o gueto nunca saí de você, morou, irmão?
‘Cê tá dirigindo um carro
O mundo todo tá de olho em você, morou?
Sabe por quê?
Pela sua origem, morou, irmão?
É desse jeito que você vive
É o negro drama
Eu não li, eu não assisti
Eu vivo o negro drama, eu sou o negro drama”

Figura 18 – Encontro de pixadores.



Fonte: acervo particular do grupo MB.

Na imagem, noites de sexta-feira, em que os pichadores se reúnem embaixo do viaduto Santa Tereza, no Centro de BH, em um encontro conhecido como “Réu do Pixo”.

A década de 90 foi o auge da pixação e a cidade de São Paulo é considerada um *ponto turístico* da pixação e os próprios pixadores dizem que a paisagem da cidade apodrece e o que o pixo faz é apenas fazer transparecer essa podridão.

Neste mesmo período o pixo tornou-se uma febre no Brasil, pelas periferias da cidade e nos grandes centros urbanos tornando-se o temor dos lojistas. Intervindo nas suas fachadas, o pixador geralmente tem consciência de que será discriminado pois já faz o pixo com o intuito de agredir uma outra parcela da sociedade.

A imagem a seguir retrata a fachada de um centro comercial em um bairro da periferia de Belo Horizonte. Na foto há vários pixos antigos datados de muitos anos junto de outros pixos atuais.

Figura 19 – Fachadas de lojas pixadas na zona norte de BH.



Fonte: acervo particular do grupo MB.

Os pixadores mais admirados geralmente são os *alpinistas*: aqueles que picham o alto de um prédio e algumas vezes usam cordas para se pendurar, escalam e fazem sua marca da forma mais visível que puderem e no lugar mais alto possível. Às vezes durante a invasão de algum lugar, como um prédio, por exemplo, pequenos furtos são praticados.

Figura 20 – Pixações em pontos altos.



Fonte: acervo particular do grupo MB.

A imagem acima mostra pontos altos que foram pixados em Belo Horizonte, se destacando em jornais na TV.

Quando há falecimentos entre os pixadores, estes lamentam as mortes de seus companheiros mais marcantes. Exaltam esses mortos como revolucionários da comunicação através do pixo. Riscos que às vezes são bobos e simples aos nossos olhos, levam tempo, muito esforço e coragem para serem feitos.

Figura 21 – Foto de vítimas do primeiro caso de pixadores mortos pela polícia exclusivamente por pixar.



Fonte: Site Folha UOL

“O marmorista Alex Dalla Vechia, 32 anos, e o montador Ailton dos Santos, 33, conhecidos entre os pichadores de São Paulo como “Jets” e “Anormal”, respectivamente, foram executados por um grupo de policiais militares, depois de estarem rendidos. É o que apontam documentos secretos da investigação sobre as mortes e obtidos pela Ponte. (CARAMANTE, 2015).”

A presença da polícia nem sempre é capaz de inibir a ação dos pixadores que muitas vezes continuam a pixação até o final sem se importar com sua prisão em flagrante. Eles alegam que as penas para tal crime não os intimidam e que não causam reflexão. Em alguns casos as penas são apagar outras pixações espalhadas pela cidade, pagamento de fiança e pequenos processos. Eles até mesmo exaltam esses processos com orgulho, como prova de sua coragem e ousadia.

No caso relatado abaixo, a exposição de formatura foi invadida por um grupo de pixadores organizados por um dos formandos e sem o menor temor pelo transtorno, o que poderia causar sua prisão, responder novos processos judiciais, ainda assim, os pixadores invadiram a exposição e pixaram grande parte da galeria:

“Cinco alunos do curso de Artes Visuais da Faculdade Belas Artes de SP foram detidos após pichação no prédio da instituição. Por volta das 21h20, o prédio principal do Centro Universitário, localizado na Rua Dr. Álvaro Alvim, na Vila Mariana, foi alvo de vandalismo por um grupo de cerca de 20 jovens.

A ação durou cerca de dez minutos. Por não contar com impedimentos como catracas, a instituição ofereceu pouca resistência ao grupo de invasores, sendo que até a chegada dos seguranças, que fecharam os portões, boa parte da parede e das janelas externas, assim como a parte interna da entrada já havia sido pichada. Alguns jovens, com câmeras fotográficas e filmadoras, acompanharam a ação.

Um segurança e uma funcionária da faculdade teriam sido agredidos quando tentavam impedir a pichação. Cinco acabaram contidos pelos seguranças e levados para a delegacia. Os demais fugiram, avisados da proximidade da polícia por um estouro de rojão. Foram apreendidos 9 latas de spray, 2 garrafas de plástico e um rolo para pintura.

Segundo a polícia, a ação foi organizada por um aluno de 24 anos, que convidou um grupo de pichadores. Em depoimento, o aluno disse que pichar é uma arte e uma forma de expressão. Ele foi bolsista da faculdade e havia se formado um dia antes do ato. De acordo com a Secretaria de Segurança Pública de São Paulo, ele disse em depoimento que protestava contra as condições e deficiências da educação.

Os cinco detidos assinaram um termo circunstanciado e não foram presos, já que o crime foi considerado de menor potencial ofensivo. (VINHOLO, 2008).”

O grupo MB repudiou a ação citada acima e não consideram o formando como alguém que carrega a essência do pixo e da periferia. “Nós não somos vítimas. Nós nos consideramos agentes que devolvem toda prática abusiva do governo em forma gráfica escrita nas paredes, pixando.” (Depoimento do pichador Liko, do grupo MB).

A imagem a seguir mostra os membros do Grupo MB com a bandeira de BH pichada por jovens durante a “Réu do Pixo” em protesto contra a prefeitura da cidade.

Figura 22 – Bandeira de Belo Horizonte pixada



Fonte: acervo particular do grupo MB.

Geralmente, depois de mais velhos, os pixadores costumam encerrar as rivalidades com outros grupos de pixadores, e, ao comentar sobre os conflitos, às vezes ressaltavam que poderiam tê-los levado à morte, como assuntos mal resolvidos e que facilmente poderiam ter sido resolvidos através do diálogo.

Atualmente, sem a pixação em suas vidas, discutem o que fazem, apresentam as famílias aos antigos companheiros, falam sobre empregos e planos futuros e muitas vezes não querem o mesmo para seus filhos, sabendo que é um mundo perigoso e criminoso.

A união entre grafiteiros e pixadores é comum apesar de haver um conflito e alguns deles considerarem os grafiteiros como *vendidos*. O respeito entre eles geralmente prevalece por se reconhecerem como interventores visuais da cidade e fazerem uso dos mesmos painéis, materiais e assuntos.

As brigas entre facções criam um constante clima de tensão e competitividade entre os pixadores, onde estes percebem seu estilo de vida como transgressor e

dissidente, mas, ainda assim, relativamente seguro, sem mortes ou violência recorrentes. Deste modo, os pixadores valorizam a paz entre as facções, pois às vezes um pequeno risco em uma pixação alheia pode criar uma situação de hostilidade entre facções.

Como já citado, existe uma hierarquia informal, onde os mais velhos da facção delegam funções menos visadas para os membros mais novos, geralmente relacionadas ao preparo do material utilizado e à vigilância para a prática. Desta forma, assegura-se a participação de todos e a gradual inserção dos novos membros em seu estilo de vida.

A próxima figura mostra alguns dos materiais muito utilizados por grupos de pixadores mais tradicionais.

Figura 23 – Materiais utilizados para a prática do pixo



Fonte: acervo particular do grupo MB.

Conexões são feitas com outras regiões para manter a paz entre as facções e evitar mortes e guerras. Em São Paulo, um dos lemas dos pixadores é: “sempre um muro a menos, ou seja, ocupar todo e qualquer espaço vazio ou em branco”. (DJAN, 2010)

Figura 24 – Representação da ocupação total do espaço vazio.



Fonte: acervo particular do grupo MB.

5 Possível Conclusão

Até onde pude observar, a pixação nem sempre quer agregar os mesmos valores que a palavra arte tem. A pixação não tem a pretensão de ser elitizada, de entrar para o circuito das galerias ou deixar de agredir e se tornar algo legal.

O pixo é uma explosão de adrenalina que se dá na forma de riscos ao deixar o registro dos seus nomes nas paredes, certas vezes com uma preocupação estética, bem como quanto aos materiais ou ao público, normalmente sendo este público seus companheiros pixadores ou rivais. No entanto, a maioria das pixações podem ser imaginadas como uma sinalização de trânsito: elas estão lá para transmitir algo visualmente através de formas, cores e letras, mas não são, necessariamente, uma obra de arte. Penso que, se você considera uma placa de trânsito uma obra de arte, aí sim deve rever seus conceitos sobre a pixação, mas se você vê uma sinalização de trânsito como uma linguagem visual na tentativa de se comunicar com sua população, sociedade e etc, você começa a entender o pixo.

Ele está lá para atingir um público alvo a sua maneira, algumas vezes altamente valorizado e trabalhado por seus praticantes e, em outras, ela é somente um conjunto de rabiscos feitos como maneira de extravasar.

A pixação é, sim, um ruído ou poluição visual, mas está ali exatamente com a intenção de cumprir esse papel. Entender como o pixo funciona não é somente

entender como funciona o seu relacionamento com a arte ou com todo o contexto da visualidade urbana; mas é também entender como funciona a periferia, sua cultura, a cabeça dos jovens que nela habitam e a sociedade na qual vivemos, frequentamos e que interfere diretamente nas coisas que visualizamos durante o dia e muitas vezes não percebemos os diversos fatores ocultos que estão presentes ali.

É dessa trama de fatores que tratei nesse trabalho, tentando dar meu testemunho e visão sobre essa expressão visual que toma as cidades brasileiras, à qual me sinto tão ligado.

Referências Bibliográficas

BATALHA, L. (18 de janeiro de 2013). **O Repúdio do Povo continua em batalha**. Teresina, Piauí, Brasil. Fonte: <<http://linguarudoembatalhapi.blogspot.com.br/2013/01/o-repudio-do-povo-continua-em-batalha.html>>.

BEY, H. **TAZ - Zona Autônoma temporária**. Conrad Brasil. São Paulo. 1991.

BRASIL, M. d. **Lei nº 9.605/98 e Decreto nº 3.179/99 Lei da Vida Lei dos Crimes Ambientais**. Brasília. 1999.

CARAMANTE, A. (07 de fevereiro de 2015). **Pichadores executados sumariamente**. São Paulo, SP, Brasil. Fonte: <<https://flitparalisante.wordpress.com/2015/02/07/pichadores-executados-sumariamente-dois-honrados-pms-revelam-a-farsa-e-execucoes-comandadas-pelo-covarde-tenente-danilo-keity-matsuoka/>>.

COSTA, R. **Graffiti no contexto histórico social, como obra aberta e uma manifestação de comunicação urbana**. Dissertação de Mestrado, ECA - USP. São Paulo. 1994.

DJAN, C. (Diretor). (2010). **Marcas das ruas 2**. Acesso em 20 de outubro de 2015, disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=vW2Vlehn1gQ>>.

MCs, Racionais. **Negro Drama**. Nada como um dia após o outro dia. São Paulo: Cosa Nostra, 2002. Disco 1. Faixa 5.

OLIVEIRA, I. B., ALVES, N., & BARRETO, R. G. **Pesquisa em educação: métodos temas e linguagens**. Rio de Janeiro: DP&A. 2005.

OLIVEIRA, J. W. (Diretor). (04 de dezembro de 2013). **PIXO - Documentário sobre pichação e pichadores** [Filme Cinematográfico]. Brasil. Acesso em 20 de outubro de 2015, disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=JjS0653Gsn8>>.

OLIVEIRA, R. A. (18 de abril de 2012). **LINGUAGENS VISUAIS DOS PICHADORES E GRAFITEIROS EM ALAGOINHAS-BA**. III ENCONTRO BAIANO DE ESTUDOS EM CULTURA. Alagoinhas, Bahia, Brasil: UEFS. Acesso em 20 de outubro de 2015, disponível em <<http://www3.ufrb.edu.br/ebecult/wp-content/uploads/2012/04/Linguagens-visuais-dos-pichadores-e-grafiteiros-em-Alagoinhas-BA.pdf>>.

PEREIRA, A. B. (03 de junho de 2014). **De rolê pela cidade: os pixadores em São Paulo**. Revista de Antropologia nº 24.

REPORTER, P. (30 de setembro de 2013). **Os pichadores em Ação. São Paulo, SP, Brasil.** Acesso em 24 de outubro de 2015, disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Cw64B0fnpdM>>.

VINHOLO, R. O. (12 de 06 de 2008). **Alunos da Belas Artes são detidos após pichação em SP. Você reporter.** São Paulo, São Paulo, Brasil. Fonte: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,OI2944643-EI5030,00-vc+reporter+alunos+da+Belas+Artes+sao+detidos+apos+pichacao+em+SP.html>>